



Sem pé nem cabeça: nossos sintomas em análise

Marcus André Vieira

mav@litura.com.br

www.litura.com.br

Para citar esse texto use a seguinte referência: Vieira, M. A. “Sem pé nem cabeça: nossos sintomas em análise”, *Psicanálise e Saúde: entre o estado e o sujeito*, Barros, R. M. M. e Darriba, V. A. (orgs.), Rio de Janeiro, Faperj e Cia de Freud, 2015, pp. 237-251 (ISBN 978-85-7724-127-9).

[Capa e índice](#)

Resumo

Sem mais uma estrutura clara e uma chave única para o saber por meio do pai, os gozos vão se produzindo localmente, como numa galáxia que cresce e se expande mais como fractal do que como flecha. Os sintomas, aquilo que passamos a chamar de transtorno, deixam de ser um mal e passam a ser um modo de viver. Neste artigo interrogamos o que a psicanálise pode propor como uma “Política do sintoma”, pois a abordagem dos sintomas a partir da psicanálise podem ser a de gozos que se articulam a um espaço de abertura na rede de acontecimentos de uma vida.

Palavras chave: Gozo, sintoma, pós-estruturalismo, política.

Without rhyme or reason: our symptoms in therapy

Abstract

Without a clear structure and a sole key to the knowledge through the father, the enjoyments will be produced locally, as a galaxy that grows and expands more like a fractal than like an arrow. The symptoms, which we started calling “disorders”, stop being an evil and become a way of life. In this article we question what psychoanalysis can propose as a “symptom policy”, for the approach of the symptoms through psychoanalysis can be that of enjoyments which articulate themselves to an opening in the network of events of a life.

Keywords: Enjoyment, symptom, post-structuralism, policy.

♦ Este texto é uma versão editada da comunicação apresentada em plenária do X Simpósio do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ, com o tema *Psicanálise e saúde: entre o Estado e o sujeito*, em 09 de outubro de 2013. Em parte, inclui alguns desenvolvimentos apresentados em conferência na IV Jornada de Psicanálise da FAMATH, Faculdades Integradas Maria Thereza, em 18 de outubro de 2013.

1. Sujeito

Para economizar uma demonstração sobre as relações entre os conceitos de sujeito e estrutura no ensino de Jacques Lacan, o que tomaria muito tempo, proponho a seguinte piada contada por Guimarães Rosa em seu prefácio de *Tutaméia*:

[um garotinho] perdido na multidão, na praça, em festa de quermesse, se aproxima de um polícia e, choramingando, indaga: “seo guarda, o sr. não viu um homem e uma mulher (por aí) *sem* um meninozinho assim como eu?!” (ROSA, 1968, p. 5)

Essa historinha pode servir para localizar o que entendemos por sujeito, pelo menos do ponto de vista de Lacan. Na história, quem é o sujeito? Não é o menino. Ele é a *persona*, o que chamamos eu, o *ego*, ou ainda a “subjetividade” e que deve ser distinguido do sujeito. *Sujeito*, em sentido estrito, como conceito, é o *outro* menino, aquele que falta ao casal, a falta que anda pela feira com os pais (MILNER, 1996, p. 29).

É esse sujeito, vazio, que pode servir para nos colocar no caminho de uma interrogação. Afinal, que filho ideal seria esse que os pais desejam a seu lado e que o menino concreto não consegue ser? Buscando saber sobre o que poderia ser o menino se ele fosse o que os pais esperam dele, talvez muito se soubesse. Verdades novas poderiam ser encontradas, mas elas não são o menino, e nem mesmo o sujeito. Pois o sujeito desse menino é o nome de um ponto de interrogação. Como afirma Lacan inúmeras vezes, o sujeito é uma suposição¹. E essa suposição não se faz a partir do menino, mas a partir dos pais.

Quem é esse sujeito? O sujeito de que os pais precisam. Mas o que seria isso? Bem comportado, sempre de mãos dadas, por exemplo? Ou ao contrário, aquele bagunceiro, que os pais não aguentam e que se perde na feira? De todo modo, o sujeito é vazio – ele é efeito e não causa, ponto de partida e não de chegada. Ele é, enfim, como define Deleuze, a casa vazia que movimenta tudo (DELEUZE, 1973), pois senão, se o garoto fosse tudo o que se espera dele, por um lado, ou apenas malcriado insuportável, por outro, o jogo familiar há muito teria acabado.

2. Estrutura

O sujeito dessa piada, como o de Lacan, é, portanto, um furo, mas o furo relativo a uma família. Nessa estrutura, sabemos, o pai tem função de referência. Representado na cena pelo guarda, ele dá corpo à certeza de uma ordem, de que alguém sabe como nos encontrarmos. Os participantes desse jogo confiam que se até hoje, seguindo-se a tradição, tudo deu certo, por que não seguir tomando a palavra paterna por verdade?

No entanto, basta introduzir na cena um aparelhinho, um GPS, imaginar que todos da família têm um *iPhone*, por exemplo, que tudo muda. Como se sabe, os *iPhones* se conectam, o menino não se perde mais. Ele estará sempre localizado e, talvez por isso, não precise mais dar a mão aos pais. Estará sempre com eles, mas sempre mais ou menos. Agora, em vez de um sujeito da falta e um menino que não cabe, parece que temos um novo sujeito. Se se trata de um novo sujeito, então assistimos ao nascimento de uma nova estrutura? Para Lacan, a estrutura

nunca foi única, universal, mesmo quando parecia falar de uma estrutura da linguagem geral. Quando definiu o sujeito, Lacan aparentemente o organizou com relação ao pai, mais especificamente com o nome do pai. Mas o pai como um saber além, uma chave geral, uma função de referência (para se encontrar, busque o saber do pai, da tradição) servia para repartir três estruturas, psicose, neurose e perversão. A chave podia ser única, mas não as estruturas².

E hoje? Os efeitos da técnica aliada ao capital afastam a referência ao saber do pai, que era sempre além. Tudo parece poder ser sabido e vivido aqui e agora, no mesmo *smartphone* que é GPS. Tanto o pai como referência única como os sujeitos da falta parecem caducos. É o que nos lembram nossos colegas que têm Deleuze como referência. Estamos em tempos de múltiplas subjetivações e gozos presentes. Podemos ainda manter o sujeito, como furo, como referência universal? Ou apenas para os que ainda são tocados pela solidão do menino da historinha?

3. Objeto

Creio que podemos deixar essa discussão para os antropólogos e sociólogos, que a levarão adiante com muito mais competência. Podemos fazê-lo porque nunca foi preciso delimitar o campo da estrutura em questão e de seu sujeito para que alguém fizesse análise.

Numa análise não se precisa saber se há estrutura e sujeito, ela pode se iniciar pelo que alguém *não sabe*, o furo do sujeito, mas se move muito mais pelo que *não cabe*. O que somos, na carne, no real, não cabe, por definição, integralmente na cultura. Um tanto de nós não será jamais saturado pelos papéis que o Outro nos reservou, um pouco como o menino que se perdeu dos pais. Somos todos adotados e sempre órfãos.

Para esse excedente de ser, Lacan reservou o termo *objeto*. É um dado clínico. Como é curiosa a análise: buscamos o segredo do sujeito, só que a cada vez que encontramos a certeza de estarmos vivos, a certeza do gozo, estamos em cena não como sujeitos, mas como objetos. É quando nos vemos cuidados ou desprezados pelos próximos, como a histérica seduzida e abandonada, por exemplo.

Uma análise não é obra de um sujeito, buscar o segredo do sujeito nos põe a trabalho, mas o decisivo serão meus encontros comigo mesmo no lugar de objeto.

Um menino negro no Mississippi, nos anos 60, derrama sobre si uma lata de tinta branca e vai ver sua mãe, dizendo: “olha mãe, agora sou branco”. Toma uma surra. Faz o mesmo com seu pai, e outra surra. Então, se diz: “Não é que é verdade esse negócio de racismo... não tem dois minutos que sou branco e já tenho raiva de dois pretos”.

Na estrutura familiar, o menino levado, impossível, significa revolta. Esse é o papel do racismo na piada do menino negro. Na cultura racista, só se pode ser sujeito ou objeto. Fora do racismo, a piada até perde a graça.

4. Sintoma

O objeto, como figuração desse excedente de vida é exatamente o que, do ponto de vista do pai, da tradição e da ordem, atrapalha a harmonia prevista. Ele pode ser tolerado, varrido para debaixo do tapete, mas sempre é um problema. Está em oposição ao programa da civilização e a seu gozo devemos renunciar, ao menos em parte, para sermos cidadãos. Os retornos desse gozo serão definidos como sintomas.

Em seu *Seminário 10*, Lacan aborda essa parte impossível de recobrir com o saber. “Resto irreduzível” (LACAN, 1963/2005, p. 359), como ele o define, da operação de constituição de si. Exatamente por deter-se nesse objeto, Lacan traz uma nova forma de descrever o sintoma. Tal resto pode ser assumido pela ordem do mundo como uma objeção à ela, mas em sua essência não objetiva, apenas é vida que não coube. Nos termos de Lacan, gozo. É sua maneira de traduzir o “sexual” de Freud.

Dito de outra forma, apesar de poder ser colhido por um sentido, o sintoma nada quer dizer a princípio, apenas colhido na estrutura ele passa a ser um gozo proibido, por exemplo.

Desse ponto de vista transestrutural ou pós-estrutural, essa coisa “de fora” não “quer entrar”. Só quer gozar. Sem desejo, ou vontade disso ou daquilo, sem intenção, apenas a de perseverar em seu gozo. A partir daí, Lacan não cessará de enfatizar esse gozo que não é colhido nas estruturas da cultura como base do sintoma.

5. Tribos

As coisas mudam um pouco quando a estrutura não está bem definida ou ordenada: o gozo fica sem localização. Quando há uma avenida principal para as renúncias impostas pela civilização, se elas seguem a mesma direção, os gozos que não se encaixam, divergentes, serão eliminados, ocultos ou apagados. Mas, se a cultura perde o senso, a cabeça (sem que haja apenas dispersão da massa, caos, como parecia imaginar Freud e muitos ainda hoje) os gozos vão se produzindo variada e localmente, como numa galáxia que cresce e se expande mais como fractal. Os sintomas, aquilo que não por acaso passamos a chamar de transtorno, deixam de ser um mal e passam a se aproximar, quando não causam muito incômodo, mais de um modo de ser³.

Mas mesmo um fractal precisa de um mínimo de organização. Uma caleidoiscópio mutante de sintomas é muito pouco compatível com a ordem social. Então, a cultura propõe modos de gozo *prêt-à-porter*. Eles são muitos e variados, customizados segundo o cliente, mas segundo protocolos, prescrições de uso que devem ser seguidos à risca. Nesse contexto, vemos o quanto é possível estabilizar esse excedente de gozo fora da lei e do desejo a ponto de dele fazer uma identidade. Basta que ele seja tomado como um modo de ser, um modo de gozo que nos registra em uma tribo específica com regras e protocolos de vida próprios. É a identificação rígida que sustenta as comunidades monossintomáticas: MADA; AA; Ana e Mia etc. Base da composição do DSM, onde um modo de gozo tornado um modo de ser é o que está em cena. Ganha-se

um lugar e um laço estável com o Outro, mas apenas gozando-se exatamente como todos os outros.⁴

O sintoma há muito deixou de ser um empecilho. Ele é um modo de vida. Está em prolongamento com relação à subjetividade. Essa é, segundo Miller, a chave do *Um-dividualismo* contemporâneo (MILLER apud LACAN, 1971-1972/2012, contra capa)⁵.

Não seriam as políticas conhecidas como de *redução de danos* apoiadas, ao menos em parte, nesse pressuposto? Você tem direito à sua loucura ou a seu vício, desde que não atrapalhe a ordem pública ou te leve à morte. Na pior das hipóteses, renuncie ao comportamento, mas não à identidade que seu modo de gozo lhe deu. Por isso, hoje assiste-se ao aparente paradoxo de alcoolistas que não bebem, ou até mesmo que nunca beberam muito, frequentando os Alcoolistas Anônimos por terem detectado o comportamento alcoolista em si mesmo, sem uma história de abuso evidente da substância.

Compondo-se uma lista de sintomas constitui-se uma identidade. E as identidades definem comunidades. Vivemos, assim, numa enorme comunidade de sintomas. É o que J.-A. Miller ironiza ao dizer que os Estados Unidos, nosso paradigma para esse tipo de generalização do sintoma, deveriam ser chamados de *United Symptoms of America* (MILLER, 2005, p. 17).

Trocando em miúdos: quando se supõe haver ordem na natureza, o sintoma é desordem; quando a natureza é ilegível, o sintoma é instituição.

6. Sinthoma

Mas o sintoma pode ser tratado ainda de outro modo. Aqui o tema de uma “Política do sintoma”⁶ diz que podemos manter, como indica Lacan em seus últimos *Seminários*, o sintoma como referência. Menos dependente de uma estrutura que o sujeito, desde que ele seja abordado não apenas como obstáculo ou mensagem.

O essencial é: que o gozo passe pelo dizer não significa necessariamente que seu sentido seja entendido, decifrado. Como define Lacan em sua “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, ele pode ser abordado como um aparato constituído pelo que resta na peneira (é a metáfora que nos propõe) do cruzamento entre gozo e significante, ou de uma vida colhida em uma rede de acontecimentos.

O fato de que uma criança diga “talvez”, “ainda, não”, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, por onde a água da linguagem chega a deixar algo na passagem, alguns detritos com os quais ela vai brincar, com os quais, necessariamente, ela terá que lidar. É isso que lhe deixa toda essa atividade não refletida – restos aos quais, mais tarde, porque ela é prematura, se agregarão os problemas do que a vai assustar. Graças a isso [os restos], ela vai fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem (LACAN, 1975/1998, p. 11).

O sintoma, para Lacan, passa a se localizar menos como o mal que nos atinge do exterior e mais como a marca da presença do Outro em nossas vidas. Investigada até as raízes do ser em algumas análises, evidencia-se como ela nos

contitui, mesmo quando se apresenta como incômoda ou traumática. Além disso, essa presença não se apresentará, em análise, como a marca de uma ação ou violência do Outro específica, mas se pulverizará. Buscávamos *Uma* resposta, *Uma* origem, *Um* desejo original e nos deparamos com muitos objetos que constituem um material, primário certamente, grau zero do ser, mas fragmentário, feito de esparsos disparatados e bricolagens precárias.

É o que propõe Jacques-Alain Miller com base no último ensino de Lacan, especialmente em seu *Seminário 23: O sintoma*. Ele chama essa concepção de “foraclusão generalizada”⁷. Na verdade, trata-se de uma teoria do sintoma generalizado. Esse sintoma não é mais tomado como um problema. Ele continua assinalando um impossível, o impossível de apagar essa marca do Outro, ou de inventar outra para si, mas não precisa ser tomado como fracasso.

7. Fazer com

Nessa via, nada de eliminá-lo, mas “identificar-se com ele”, no sentido de poder ser aquilo ali de algum modo, mas sobretudo: se virar com ele, “fazer com” (LACAN, 1975-1976/2007, p. 17).

Um exemplo para concluir. Agora não é uma historinha ou piada, mas um relato clínico, um testemunho de passe⁸. Escolhi este porque também envolve um menino-sujeito, um objeto e um sintoma. Ele resume um longo percurso de análise em poucas linhas e algumas cenas fundamentais. Para nossos propósitos, retenho apenas três (NAPARSTEK, 2005).

Seu pai costumava ler o obituário dos jornais. Ele lhe pergunta um dia por quê. “Quero saber quem já não toma Coca-Cola” é a resposta. Seria um chiste, mas o menino não consegue rir. É preciso levar em conta o contexto, ou, pelo menos, o modo como o menino leu o ambiente familiar, especialmente o desejo desse pai. O menino vivia na dicotomia: “um mundo dividido entre cruzeiros e estrelas de David” (*ibid.*, p. 60), entre católicos e judeus, entre os consumistas e os mortificados. É justamente essa visão cindida que gera problemas. Se apenas os consumistas estão vivos, não há opção senão ficar com eles. Ele, portanto, nega as crenças do pai, figura para ele da mortificação judia, e segue na oposição dos ideais de seu povo, mas se vê apenas vazio ou gozando de uma vida que não lhe parecia sua.

Qual é o chiste? Perdendo a graça por traduzir a piada entendendo-o assim: viver é beber sofregamente uma coisa sem sentido, como a Coca-Cola. Somos todos consumistas, de um gozo sem sentido e sem valor. O filho, porém, na “realidade dividida entre dois polos” (*ibid.*) em que vivia, só podia escolher entre “uma morte judia ou a vida sem o judaísmo” (*ibid.*, p. 61). Não havia lugar para a satisfação subterrânea que o chiste permite e que gera o riso. Só na segunda análise consegue “entender o dito paterno” sobre os obituários e “captar o aspecto de comédia que havia tido o drama de sua vida” (*ibid.*, p. 60), pois tanto judeus quanto católicos bebem Coca-Cola. Dá para imaginar que, na dicotomia, os excessos orais tenham sido frequentes já que desarticulados das identificações, o que ele chama de uma postura “cínica” (*ibid.*, p. 61).

A análise lhe permitiu essa passagem entre os dois polos. Suponho que ela o tenha conseguido após muitas idas e vindas pelos caminhos de uma pulsão que seguia da satisfação oral para a do sacrifício. Ele resume essa articulação ao retomar seu nome, composto de um primeiro nome católico juntamente com Abraão, o nome maior do sacrifício. Não poderei desenvolver a demonstração dessa conexão, mas o importante é que ela só é possível quando o pai não é mais símbolo dos ideais decaídos de um povo, mas passa a representar um gozo a mais, justamente o do riso, de sua disposição para o humor.

Foi preciso “*escrever*” no pai (*ibid.*), ou ainda reconhecer em si mesmo esse mesmo traço do humor, sempre constante, e perceber o quanto isso, que até então pensava como cinismo derrotista, era um traço de estilo. O cinismo era um sintoma do ponto de vista do ideal, mas era também um modo de satisfação impossível de negar. O sujeito, então, demonstra que é preciso em uma análise “passar da crença no pai à crença no sintoma” (LAURENT, 2007, p. 176), desde que se entenda sintoma nesse sentido, de um gozo singular que atravessa o cenário fantasmático dicotômico do par sujeito-objeto.

Finalmente, na terceira cena:

O pai continuava lendo cotidianamente os avisos fúnebres. O sujeito se aproximava e lhe perguntava – outra vez – pelo que estava fazendo. O pai respondia que estava vendo quem eram os que já não tomavam Coca-Cola. Finalmente o sujeito lhe replica que este chiste já lhe era conhecido, Esta vez o pai lhe responde: “é verdade, ou mudo de chiste ou mudo de público” (NAPARSTEK, 2005, p. 62),

Ele mostra como é preciso tomar para si esse gozo que localizara no pai e que constitui seu próprio estilo: “ou mudo de chiste [gracinha] ou mudo de público” (*ibid.*). Esse chiste fala de um fracasso. Não será possível ter a graça da piada e o público. De certa maneira, ele continuará para sempre perdendo o amigo sem perder a piada porque não pode fazer de outro jeito. Mas, algumas vezes pode não fazer a piada. Apenas isso, mas é um enorme ganho.

8. Política?

Nós, psicanalistas, estamos divididos. Há os que sonham com a psicanálise pós-psicanalítica e aqueles que são os campeões do fracasso, propagando que sempre haverá o furo, a falta, o vazio e o sujeito e que, portanto, sempre haverá a psicanálise.

Precisamos ir um pouco mais longe do que dizer que somos psicanalistas porque sabemos viver com o fracasso, pois a questão é que estamos às voltas com um Outro que ignora retumbantemente o fracasso, não porque não quer vê-lo, ao modo do recalque, mas porque o transforma em sucesso. O fracasso está fora do Outro de nossos dias.

Lacan, em seus últimos *Seminários* situa o sintoma como algo não negativo, feito de um gozo que não se representa nunca nem se encaixa nunca, mas que nem por isso é menos existente. Tenta, então, situar uma teoria do final de análise em que a questão é a de como fazer com o fracasso a ponto dele continuar o mesmo, mas perder o sentido. Assim, no mínimo, o fracasso passa a servir, estar em prolongamento com o eu e não em oposição a ele. Isso é o estilo, errar sempre

mais ou menos do mesmo modo a ponto dele se incorporar ao ser. Gaguejar na própria língua. Fazer uma nova aliança com o gozo.

Em nossos dias, talvez a singularidade não seja mais um furo localizado em uma estrutura, talvez tenhamos que usar o termo sujeito em um sentido mais ampliado, como uma opacidade irreduzível que pode ser buscada em cada modo de gozar pré-definido.

Os sintomas do DSM são renúncia não ao gozo, mas ao vazio de sentido do gozo. Os sintomas da moda são gozos definidos como egos. Já os sintomas em análise, ou a abordagem dos sintomas a partir da psicanálise, podem ser a de gozos que se articulam a um espaço de abertura na rede de acontecimentos de uma vida. O fora do sentido hoje, *nonsense*, órfão da estrutura, precisa de uma montagem para agir como ponto de singularidade, como espaço de um sentido contingente, ainda por vir, em meio a tantos protocolos de sentidos prévios.

Além disso, tal como buscamos em uma análise as montagens que põem essa vida opaca em movimento, podemos, nos mais variados lugares da cidade apostar nas revoluções que essa essa fração singular de gozo pode fazer. Manter o fracasso como estilo permite abrir-se à contingência. Como serão sempre construções, artefatos, e não achados ou elaborações, geram a responsabilidade de sustentar que, dados os materiais disponíveis, aquilo foi a maneira possível de viver na abertura do presente. Esse talvez seja o modo atual de fazer valer a exortação de Lacan: de que de nosso lugar de sujeito somos sempre responsáveis. (LACAN, 1966/1998, p. 869).

Referências bibliográficas

- BASSOLS, M. (2005) Poli-Édipos, in *Opção Lacaniana*, n. 42. São Paulo: Edições Eolia, p. 80-83.
- DELEUZE, G. (1973) "Em que se pode reconhecer o estruturalismo?", in CHÂTELET, F. (org.). *História da filosofia: ideias e doutrinas*. v. 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FREUD, S. (1996). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1911) "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia", v. XII, p. 15-89.
- (1916-1917) "O sentido dos sintomas", v. XVI, p. 265-279.
- INSEL, T. (2013). Transforming Diagnosis, in *Director's Blog*. Disponível em: <http://www.nimh.nih.gov/about/director/2013/transforming-diagnosis.shtml>. Acesso em: 10 jan 2014.
- LACAN, J. (1960/1998). "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano", in _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 807-842.
- _____. (1962-1963/2005) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1966/1998). "A ciência e a verdade", in _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 869-892.
- _____. (1971-1972/2012) *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____. (1975/1998). Conferência em Genebra sobre o sintoma, in *Opção Lacaniana*, n. 23. São Paulo: Edições Eolia, p. 6-16.

_____. (1975-1976/2007) *O Seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LAURENT, É. (2007) “A sociedade do sintoma”, in _____. *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 163-177.

MILLER, J.-A. (1985) “Esquizofrenia y paranoia”, in _____. *Psicosis y psicoanálisis*. Buenos Aires: Manantial, p. 8-30.

_____. (1996) “Clínica irônica”, in _____. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 190-200.

_____. (1997/2000) “Teoria do parceiro”, in MONTEIRO, E. e RIBEIRO, V. (orgs.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 185-207.

_____. (1998) *La conversation d'Archachon*. Paris: Seuil.

_____. (2005) *El outro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.

_____. (2010) Est-ce passe?, in *Révue de La Cause Freudienne*, v. 75. Paris: École de la Cause Freudienne, p. 83-89.

_____. (2011) Seminário sobre o sentido dos sintomas e os caminhos de formação dos sintomas, in *Opção Lacaniana*, n. 60. São Paulo: Edições Eolia, p. 11-37.

MILNER, J.-C. (1996) *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

NAPARSTEK, F. (2005) Do sujeito ocidentado à orientação pelo sintoma: modulações sobre a crença, in *Opção Lacaniana*, n. 42. São Paulo: Edições Eolia, p. 60-63.

ROSA, J. G. (1978). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.

¹ Um sujeito é o que surge do pareamento dos significantes, ou o que um significante essencialmente representa para outro (LACAN, 1960/1998, p. 833).

² Lacan dividiu-o entre sujeito do enunciado e da enunciação, do consciente e do inconsciente. Na variante psicótica (paranóica), o pai é o deus de Schreber (FREUD, 1911/1996), é o *Show de Truman* sem o capitalismo. Para o GPS como antinome do pai, cf. BASSOLS, 2005.

³ As comunidades do antigo Orkut eram um ótimo exemplo disso. Nele, cada um tinha uma lista de comunidades a que pertencia e elas nada mais eram do que registros de um modo de gozo: “eu subo os degraus de dois em dois”, “fecho gaveta com a perna” ou, menos óbvios: “celular de bêbado é uma arma”. Eles podem ter variações, não precisam ser modos de gozo ativo, podem ser mais passivamente vividos: “a lei de Murphy me persegue”, ou “meu cabelo me odeia”, mas isso não muda a ideia geral. Ali, reunindo-se uma série de formas de gozo, pode-se dizer: Eu *sou* isso. O que era antes um gozo como “penso com a geladeira aberta” ou “leio o rótulo do shampoo no chuveiro”? Algo no mínimo desprezível. Dispensável. Se ocupando o centro da vida, patológico. Agora, isso passa a ser um traço identitário.

⁴ A recente polêmica em torno do DSM V, quando Thomas Insel (diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental - NIMH) publica em seu blog (INSEL, 2013) que está abandonando-o por basear-se em descrições e não por evidência “natural” científica apenas reforça essa hipótese. O DSM é uma descrição de tribos tidas como patológica. Em sua quinta versão, busca-se priorizar as dimensões justamente para que o patológico seja apenas o excessivo.

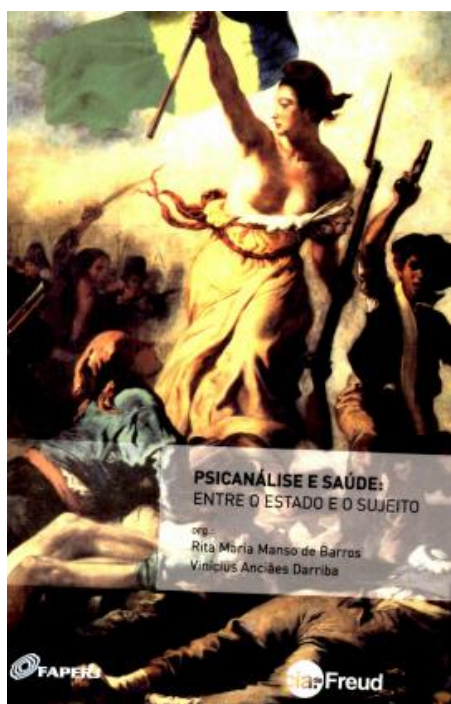
⁵ A distância entre o gozo a serviço do ideal e o gozo a serviço de um modo imaginário de ser é a mesma entre os professores e os *black-blocks*, mas também entre os professores e modo de ser proposto pela política da prefeitura: “meritocrata, mas sem valores”.

⁶ Essa é uma expressão destacada por J.-A. Miller e em curso na comunidade da Associação Mundial de Psicanálise – que reúne várias agremiações lacanianas pelo mundo, entre elas, a minha, a Escola Brasileira de Psicanálise.

⁷ Cf. MILLER, 1985, 1996 e 1998. Para o que desenvolvemos sobre o sintoma: MILLER, 1997/2000.

⁸ “O passe é o dispositivo inventado por Lacan para permitir que o grão de escrita a que se reduziu a história de uma vida em análise possa ser transmitido a outros” (MILLER, 2010, p. 86). Assim, aquele que

declara ter chegado ao fim de sua análise narra-a a dois colegas, que transmitem seu relato a um pequeno grupo de analistas que já passaram pela mesmo procedimento. Eles buscam certificar-se de que a lógica da conclusão depreendida pelo relato pôde ser apreendida. Nesse caso, aquele que procurou o dispositivo do passe deverá prosseguir transmitindo o modo como encontrou um novo destino àquilo que o levou à análise ao coletivo de analistas a que Lacan nomeou *Escola* durante o período de três anos, recebendo a nomeação de AE, analista da Escola no decorrer deste tempo. Cf. parte do site da Associação Mundial de Psicanálise, AMP, que se detém sobre o dispositivo do passe: http://wapol.org/pt/las_escuelas/Template.asp?Archivo=el_pase.html (acesso em 03/2014).



6

SEÇÃO 2: PSICANÁLISE E SAÚDE PÚBLICA: CLÍNICA E PESQUISA

Clinica, ética e política: a prática do psicanalista na instituição de saúde mental 115
Doris Rinaldi

Psicanálise e práticas institucionais na saúde mental: o estado da arte..... 125
Ana Cristina Figueiredo

Emergência psiquiátrica e psicanálise: o que se aprende e o que se trata: 135
Sônia Leite

De que sujeito se trata para as intervenções do Estado na área da saúde? 151
Ayra Carolina Lo Bianco

Responsabilidade coletiva e responsabilidade subjetiva: saúde é um direito ou um dever? 159
Tânia Coelho dos Santos

Ateliê lúdico e expressivo com crianças em acolhimento institucional..... 181
*Sônia Elisabete Altus
Fernanda Herminia Oliveira Souza
Tatiana Borsoi
Denise Martins da Luz*

SEÇÃO 3: O PÚBLICO E O PRIVADO NA PSICANÁLISE

O valor de *a* e a política da psicanálise no campo público 195
Sônia Alberti

A função do objeto *a* nas entradas em análise..... 203
*Rodrigo Lya Carvalho
Helena Caldas*

A psicanálise, não sem a política: aposta metodológica para a prática do psicanalista nas instituições públicas 215
Andréa Máris Campos Guerra

Sem pé nem cabeça: nossos sintomas em análise 237
Marcus André Vieira

ISBN 978-85-7724-127-9